

Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens

Ana Guerreiro,¹ Cátia Pontedeira,² Ruben Sousa,³ Maria José Magalhães,⁴ Emanuel Oliveira,⁵ Patrícia Ribeiro,⁶ UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, Porto

Resumo: A violência nos/as jovens, e entre jovens, é um problema com repercussões sociais e humanas que podem agravar-se ao longo das suas vidas. Esta violência pode exteriorizar-se de diversas formas sendo uma delas a violência no namoro. A UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta – tem vindo a realizar um estudo sobre a violência no namoro entre jovens do ensino básico e secundário e os valores são preocupantes. No estudo realizado em 2013, os valores apontavam que 35% dos/as jovens já tinham sido vítima de alguma forma de

¹ Ana Guerreiro (ana.esteves.guerreiro@gmail.com) é licenciada em Criminologia pelo Instituto Universitário da Maia e pós-graduada em Ciências Médico-legais. Especializou-se no âmbito da Falsificação e Contrafação de Documentos no decorrer do Mestrado em Medicina Legal pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. Atualmente, e desde 2014, é Criminóloga na UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, exercendo funções de prevenção da Violência de Género, o que lhe tem permitido desenvolver alguns trabalhos de investigação e a publicação de artigos nesta área. Colabora também como investigadora na UICCC - Unidade de Investigação em Criminologia e Ciências do Comportamento no âmbito de projetos ligados à Segurança e à Delinquência Juvenil.

² Cátia Pontedeira (catiapontedeira@hotmail.com) é criminóloga na UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, exerce funções técnicas na prevenção primária da violência de género desde 2014. Depois de ter feito a Licenciatura em Criminologia pelo ISMAI - Instituto Universitário da Maia e uma Pós-Graduação em Ciências Forenses, Investigação Criminal e Comportamento Desviante, partiu para Londres para formação na área das Ciências Forenses. Aqui, frequentou o Mestrado na London South Bank University, tendo obtido um prémio de mérito de melhor aluna de mestrado do ano 2014. Possui formação nas áreas de profiling criminal, vitimologia e violência de género. É também vice-presidente do NEC-Núcleo de Estudantes de Criminologia do ISMAI, investigadora da UICCC - Unidade de Investigação em Criminologia e Ciências do Comportamento na área dos homicídios e autora de artigos relacionados com a violência no namoro e prevenção da violência.

³ Ruben Sousa (rubenpedrosousa@hotmail.com) é licenciado em Criminologia e Mestre em Ciências Forenses pela London South Bank University em fevereiro de 2014. Atualmente desenvolve uma investigação em "Homicídios e Violência Letal" através da UICCC - Unidade de Investigação em Criminologia e Ciências do Comportamento do ISMAI e participa em projetos de prevenção primária da violência e delinquência com jovens, nomeadamente na UMAR. Foi cofundador e é atualmente membro da direção do Núcleo de Estudantes de Criminologia do ISMAI.

⁴ Maria José Magalhães (mjm.umar@gmail.com), depois de ter sido, durante alguns anos, docente na Universidade do Minho, é atualmente investigadora permanente do CIE e professora Auxiliar da FPCEUP, onde desenvolve a atividade de docência e de investigação desde 1995. Em Março de 1991, recebeu em co-autoria o prémio Carolina Michaëlis de Vasconcelos Investigação - Mulher / 1990. Coordenou um projeto de investigação intitulado "Amor, Medo e Poder: percursos para uma vida sem violência" (finaciado pela FCT, ver http://www.fpce.up.pt/love_fear_power/love_fear_power/index.html). Atualmente, coordena a equipa nacional do Projeto Cultural Encounters in Intervention Against Violence - CEINAV, financiado pela HERA - ESF. Autora de diversas publicações sobre o movimento feminista e a violência contra as mulheres, assim como sobre histórias de vida, é também ativista feminista desde os anos 1980, sendo atualmente, Presidente da UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta.

⁵ Emanuel Oliveira (emanuel.v.oliveira@gmail.com) é mestre em Psicologia Clínica e da Saúde pelo ISMAI - Instituto Universitário da Maia. Técnico Superior de Psicologia na UMAR durante a vigência dos projetos "Mudanças com Arte II" e "Artways".

⁶ Patrícia Ribeiro (patriciamaria.ribeiro@gmail.com) é licenciada em Psicologia Clínica em 2001, pelo ISCS-N. Pós-Graduada em Educação e Desenvolvimento da Criança pela FPCEUP. Coordenadora do Projeto "Mudanças com Arte I" da UMAR entre 2008 e 2010.

violência. Concretamente, 12% refere ter sido vítima de violência verbal, 8% vítima de violência psicológica e 4,5% vítima de violência física.

Como é sabido pela literatura, é plausível considerar que alguns destes casos de violência no namoro se possam prolongar na vida dos casais, convertendo-se em violência doméstica muito facilmente. É, portanto, daqui que surge a necessidade iminente de prevenção primária da violência, e particularmente da violência de género e na intimidade.

Sabendo que a escola tem um trabalho fundamental na educação para a cidadania do/a aluno/a e que é nela que se encontram jovens com as idades ideais para consciencializar e para desmistificar crenças e estereótipos, torna-se urgente que mais trabalhos de âmbito preventivo escolar sejam desenvolvidos para assegurar que este fenómeno não continue com as proporções perigosas a que se tem assistido.

Palavras-chave: Intimidade; Jovens; Violência no namoro; Prevenção; Prevalência

Introdução

O estabelecimento de laços de ligação entre pessoas é um comportamento natural e racional do próprio do ser humano podendo assumir-se de forma positiva ou negativa, onde o conflito é parte integrante. A violência surge, muitas vezes, ao olhos de quem a pratica, como estratégia de resolução desse mesmo conflito (Oliveira e Sani, 2005).

A adolescência é considerada um período crítico onde se começam a formar as relações extra familiares e em que o/a jovem faz esforços para ganhar a sua autonomia e definir a sua identidade. Esta é também uma fase de construção de personalidade dos/as jovens, sendo estes/as confrontados/as com comportamentos menos corretos que podem levar à sua legitimação.

O namoro é definido por Sugarman e Hotaling (1991 *apud* Oliveira e Sani, 2005) tendo em conta o compromisso, interação futura e a intimidade física, sendo estas três componentes que constituem a base da relação de intimidade entre jovens. Não obstante, o namoro assistiu a duas fases de entendimento: uma pré revolução sexual em que o namoro era curto e ia até ao casamento, sempre sob o controlo dos pais e mães; e uma pós revolução sexual, atualmente em vigor nas sociedades ocidentais, em que os namoros poerão abranger relações curtas ou duradouras, com ou sem coabitação (Béjin, 1987 *apud* Pascoal, 2010).

No seio destas relações interpessoais encontram-se, muitas vezes, problemas que envolvem agressões físicas, sexuais e/ou psicológicas constituindo, assim, a violência no namoro.

A violência no namoro teve um grande desenvolvimento investigacional nos últimos trinta anos, permitindo compreender a sua natureza e complexidade dando lugar ao crescendo de métodos de prevenção deste problema social (Hickman *et al.*, 2004).

Considerado um problema de saúde mental pública, a investigação tem vindo a consensualizar a definição de violência, quanto a ser um comportamento inaceitável e que causa danos (Pick *et al.*, 2010). No entanto, continuam a existir dificuldades de concetualização devido a divergências de perspetivas epistemológicas e teóricas, sendo que só o debate e a pesquisa futura poderão ajudar a atingir maior consenso.

Violência e Namoro: Contextualização Social

A adolescência é uma fase de transição que traz grandes alterações biológicas, sociais e psicológicas (Fernandes, 2013). Caridade e Machado (2011 *apud ibidem*) definem-na como uma “passagem perigosa” em que há grande vulnerabilidade para a existência de conflitos em relações de intimidade (Hickman *et al.*, 2004 *apud ibidem*). Esta vulnerabilidade é inquestionável uma vez que este é um período de imaturidade emocional, inexperiência relacional e iniciação à sexualidade (Sá *et al.*, 2013).

Magalhães *et al.* (2007), a propósito da aceitação da violência, e especificamente em relação à violência contra as mulheres, principais vítimas de relações de poder, referem que só a partir do momento em que adotamos a consciência das formas inoportunas e inadequadas de tratar as mulheres é que passamos considerá-las como violentas.

A violência no namoro é uma forma de violência baseada no género que parte de uma construção social de poder e que, segundo a Organização das Nações Unidas, é “todo ato de violência baseado no género no qual resultou ou possa resultar um dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para as mulheres, incluindo as ameaças de tais atos, a coação ou a privação arbitrária de liberdade, que ocorra, quer na vida pública, quer na vida privada” (Pick *et al.*, 2010). No que ao namoro diz respeito, a violência entre jovens com relações de intimidade traduz-se no exercício de agressões físicas, sexuais e/ou psicológicas contra o/a parceiro/a (Oliveira e Sani, 2005). Do ponto de vista de Robert (2006 *apud* Hickman *et al.*, 2004), hoje em dia este abuso é reconhecido de forma mais contínua, abarcando também homicídio, sequestro, perseguições e privação económica.

Esta tipologia de violência é um fenómeno que está, cada vez mais, a atrair a comunidade científica. Nessa perspetiva, os mais recentes estudos indicam que entre 20 e 50% dos/as adolescentes já experienciaram uma situação de violência durante relações íntimas (Martsolf *et al.*, 2012).

Tal como referido por Fernandes (2013), há pouca informação no que diz respeito à distinção de papéis de género que estão envolvidos na violência no namoro. Alguns estudos indicam que as desigualdades de género estão, ainda, presentes nas relações de intimidade dos/as nossos/as jovens. As desigualdades de género podem ser pautadas por processos de socialização diferenciados e pela manutenção de mitos e/ou crenças relacionados com homens e mulheres (Matos, 2006; Ribeiro e Sani, 2010; Machado *et al.*, 2003; Magalhães *et al.*, 2007).

Relativamente às formas ou tipos de violência no namoro, existe divergência na descrição dos tipos ou formas desta. Enquanto na maioria dos estudos (Fernandes, 2013; Araújo, 2013; O’Keefe, 2005) a violência no namoro divide-se em 3 formas: física, psicológica e sexual, outros consideram a violência sexual como parte integrante das outras duas. Do nosso ponto de vista, parece-nos mais adequado separar a violência sexual, pela relação específica da sexualidade nas relações sociais, nos diferentes contextos sócio-históricos e culturais.

As consequências nas vítimas de violência na intimidade são inúmeras e são tão maiores quanto mais longa for a duração da relação e/ou mais intensa for a violência perpetuada (Barroso, 2008). No entanto, o impacto que a vitimação tem nas pessoas nunca é igual e depende de um conjunto enorme de fatores que podem agravar ou atenuar os efeitos da violência (Caridade e Machado, 2008).

Fisicamente, as consequências podem variar entre pequenas lesões e cortes até à incapacidade permanente ou morte. Entre uma posição e outra cabem todas as outras formas de traumatismos, equimoses, fraturas, distúrbios e contusões (Leitão, 2013). Nos/as jovens, as

consequências físicas mais comuns são as pequenas lesões, os cortes e hematomas, comumente designados por “nódoas negras” (Offenhauer e Buchalter, 2011).

Para além das consequências físicas que este tipo de violência pode ter, as vítimas podem também viver com medo, ansiedade, sobressalto que geram sentimentos depressivos, baixa autoestima e um pânico geral na intimidade da pessoa, consequências psicológicas da violência, que não são menos graves (Barroso, 2008). Os/as jovens têm mais tendência a desenvolver doenças mentais, dores de cabeça, indisposições, angústia emocional e depressões. Podem ainda apresentar choro fácil, fadiga, pensamentos suicidas e incapacidade de disfrutar da vida. Como tentativa de escapar à dor física e emocional que este tipo de abusos na intimidade potencia, as vítimas estão mais propensas ao consumo de álcool ou drogas. Em idades jovens são comuns os sentimentos de culpa e vergonha, que servem muitas vezes de fator de manutenção da relação abusiva.

No que concerne à violência perpetuada com jovens em idade escolar, e uma vez que grande parte das relações na intimidade ocorrem em contexto escolar, isto é onde ambos os/as protagonistas se cruzam, é difícil para as vítimas evitar o/a seu/sua agressor/a e, por sua vez, ignorar as reincidências. Uma das formas que a vítima pode encontrar para lidar com esta situação poderá passar por deixar de ir às aulas e a atividades escolares (muitas das vezes com medo de encontrar o/a agressor/a). A diminuição da concentração em ambiente de aula e da vontade de estudar são outros fatores que contribuem para que as vítimas de violência no namoro tenham duas vezes maior tendência para tirarem notas negativas, quando comparadas com os/as outros/as estudantes. Os custos para a vida destas vítimas serão imensos uma vez que está provado que a educação é uma das ferramentas mais importantes para o sucesso, , especialmente para as mulheres (Bocinski, 2012).

As consequências da violência no namoro são devastadoras, mas há uma outra preocupação que emerge e carece de reflexão: a forte probabilidade que existe das vítimas de violência no namoro se tornarem, em idade adulta, vítimas de violência doméstica. Uma vez que a juventude é o momento em que os/as jovens iniciam a formação da sua personalidade, há o risco de estes/as interiorizarem atitudes e comportamentos abusivos como normativos (*ibidem*).

Metodologia

No âmbito do seu trabalho de prevenção da violência de género que conta já com mais de 10 anos, a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) elaborou um estudo datado do ano letivo de 2012/2013 que contou com 894 jovens inquiridos/as e que aponta a dimensão do fenómeno junto dos/as jovens do ensino básico e secundário na região do grande Porto.

Nesta amostragem, 49% das inquiridas eram do sexo feminino, 50% eram do sexo masculino e 1% não respondeu em relação a esta variável.

A metodologia utilizada foi a instrumentalização de um questionário com 10 perguntas, onde se pretendia avaliar a prevalência das diferentes formas da violência e ainda o seu reconhecimento ou legitimação. Assim, os tópicos para resposta eram relacionados com a violência física (2 questões), violência verbal (2 questões) e violência psicológica (6 questões). No presente estudo optou-se pela divisão entre: física, psicológica e verbal. Uma vez que a amostragem desta investigação foi de jovens em média com 14 anos, consideramos precoce aferir os níveis/ graus de violência sexual já que se considera que a maior parte destes/as ainda não iniciaram a sua vida sexual.

Resultados

Os resultados gerais deste estudo indicam que 35% dos/as jovens inquiridos/as já tinham sofrido pelo menos de uma das 10 formas de violência descritas. Desagrupando por sexo, concluímos que 33% das raparigas e 36% dos rapazes refere já ter sido vítima de pelo menos uma forma de violência. Estes resultados são superiores aos encontrados na generalidade dos estudos portugueses (Ferreira, 2011; Machado *et al.*, 2003; Dixe *et al.*, 2010; Taylor *et al.*, 2011), excetuando num estudo realizado também na cidade do Porto, com estudantes universitários onde a prevalência de situações de violência no namoro foi de 42% (Oliveira e Sani, 2005). As diferenças de género na vitimação não têm sido consideradas expressivas o que pode significar, conforme sugerido por Machado e colegas (2003), que a sociedade juvenil apresenta crenças mais igualitárias relativamente aos papéis de género, ao contrário do que se verifica na população adulta. Ainda relativamente à prevalência de vitimação, temos de realçar que neste estudo não se caracterizaram os diferentes tipos de relações para além das heterossexuais. No entanto, as respostas dadas pelos/as jovens poderão ser incorporadas em qualquer tipo de relação, uma vez que não se especificaram sexos durante todo o questionário. Não obstante, consideramos importante referir que há estudos que indicam que a vitimação em relações do mesmo sexo é semelhante à de relações heterossexuais (O'Keefe, 2005; Price e Byers, 1999).

Tabela 1. Estudo da prevalência e reconhecimento da violência

Questão	Prevalência		Reconhecimento geral das situações como violência	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Proibições de sair por parte do/a companheiro/a	2%	3%	47%	56%
Forçar a fazer algo que não quer	4%	5%	67%	82%
Pegar no telemóvel sem autorização	16%	14%	43%	55%
Chamar nomes durante zanga	19%	15%	74%	88%
Agressões físicas (deixando marcas)	4%	1%	90%	97%
Agressões físicas (não deixando marcas)	8%	3%	89%	96%
Proibir de estar ou falar com amigos/as	13%	16%	49%	54%
Ameaças	8%	6%	81%	93%
Humilhação	7%	9%	73%	85%
Proibições de vestir peças de roupa	3%	5%	41%	49%

Descrevendo e refletindo este estudo, com base na tabela anterior, à questão relativa a proibições de saídas por parte do/a companheiro/a, sempre que ele/ela não esteja presente, a grande maioria dos/as inquiridos/as respondeu que nunca lhes terá acontecido (97%), mas 3% admitiu que o/a namorado/a não o/a deixava sair sem ele/a. Curiosamente, destas vítimas

menos de metade consideram este comportamento como violência no namoro. A idade média desta proibição constatou-se aos 16 anos, sendo também nesta altura que se iniciam as saídas em grupo, e particularmente que se inicia a vida social noturna à qual estão muitas vezes associados comportamentos excessivos, quer ao nível de consumos, quer manifestações de ciúmes; os quais poderão ser usados pelo/a ofensor/a como elementos desculpabilizantes da violência. .

Relativamente à questão que aborda a obrigação de forçar o/a parceiro/a fazer algo que não deseja, os resultados indicam que 5% dos/as inquiridos/as reportam já ter passado por esta situação, não havendo diferenças expressivas entre sexos (5% nas raparigas e 4% nos rapazes). Importa ainda salientar que, pouco mais de ¼ destes/as jovens que já foram vitimizados/as, consideram a situação como violenta. Ainda assim, 4% dos jovens já foi abusado/a pelo menos de mais de uma forma. Numa visão mais alargada, 21% dos/as jovens não considera esta situação como errada, não a reconhecendo, também, como violência no namoro. Nesta questão, quando discriminamos o reconhecimento da violência por sexos, verificamos uma enorme disparidade: 82% das jovens contra 67% dos rapazes reconhecem o comportamento como violência, tal como também encontrado noutra estudo (Nascimento e Cordeiro, 2011).

No que diz respeito à invasão da privacidade, questionamos os/as jovens se o/a seu/sua companheiro/a já tinha pegado no seu telemóvel sem autorização com a finalidade de ver as chamadas ou ler as mensagens e pudemos verificar que 15% dos/as inquiridos/as já vivenciaram esta situação. A vitimação de jovens do sexo feminino é de 14% e de jovens do sexo masculino é de 16%, não se verificando diferenças estatísticas significativas. Destas vítimas, 62% não reconhecem a violência. A situação é particularmente preocupante uma vez que, se mais de metade das vítimas não reconhece esta atitude como uma forma de violência, a probabilidade de denúncia ou de procura de ajuda é quase nula. Este comportamento é um dos menos considerados como violência pela generalidade dos/as inquiridos/as, atingindo um valor percentual de 47%, sendo a distribuição de quem reconhece a violência por sexos de 43% para os rapazes e 55% nas raparigas.

Quanto à verbalização de insultos durante uma zanga, 17% dos/as jovens referiu que já tinha vivenciado esta situação, ao invés de 82% que responderam negativamente. Estes 17% era maioritariamente rapaz. Assim, nesta questão, a vitimação verificou-se mais alta nos rapazes (19%) do que nas raparigas (15%). Destas vítimas, a maioria (70%) reconhece esta conduta como uma forma de violência. Na generalidade dos/as jovens, existe uma grande discrepância entre sexos: enquanto 88% das raparigas reconhecem a violência, valores muito baixos e preocupantes são reportados pelos jovens rapazes, 74%. Quando comparados estes resultados com as percentagens de vitimação, é interessante verificar que apesar de serem os rapazes que menos reconhecem esta forma como um comportamento violento, são também eles os mais vitimizados.

Relativamente à violência física deixando marcas, 3% dos/as inquiridos/as referiu já ter vivenciado esta situação (1% de raparigas e 4% de rapazes). Estes valores vão de encontro aos reportados por Paiva e Figueiredo (2004) que sinalizam uma prevalência de 3,8%. Sendo esta a forma de violência mais facilmente reconhecida na sociedade, seria de esperar que o seu reconhecimento como violência fosse de 100%. Ainda assim, tal não se verificou: existe uma percentagem de 6% de rapazes e 2% de raparigas que não reconhecem a gravidade desta situação (com 6% de jovens que não responderam à questão). Das vítimas identificadas todas sofreram de outras formas de violência, nomeadamente outras agressões físicas que não deixaram marcas. Esta última reflexão é facilmente enquadrada, uma vez que, geralmente, a violência na intimidade segue um padrão com um agravamento da severidade e de intensidade

das agressões ao longo do tempo e como tal, quando se atinge a violência física, por norma, há sempre outras formas de violência associadas no passado.

Ainda no que diz respeito à violência física, mas sem deixar marcas, 6% dos/as jovens refere já ter vivenciado esta situação (3% raparigas e 8% rapazes). Estes valores são significativamente mais baixos aos apresentados por Paiva e Figueiredo (*ibidem*) onde existe uma prevalência de 15,4%. No entanto, esta discrepância poderá ter a ver com as idades dos participantes, que no presente estudo são mais novos/as. Das vítimas referidas, 18% não considerou este ato como violento. Esta percentagem é significativamente mais alta comparativamente com a generalidade dos resultados em que “apenas” 4% dos/as jovens não reconhece esta situação como violência.

Quando questionados sobre proibições de comunicar ou estar com outra(s) pessoa(s), verificamos que 14% dos/as jovens respondeu afirmativamente. Nesta questão a vitimação é maior nas raparigas (16%) do que nos rapazes (13%). Ainda assim, das vítimas, menos de metade (48%) considerara este comportamento como violento. Todas elas referiram que esta não era a única forma de violência a que tinham sido submetidos/as, sendo que 49% destes/as jovens respondeu que também, já foi vítima da invasão de privacidade por parte do/a companheiro/a, quando este/a pegou no seu telemóvel sem autorização. Num estudo de Ferreira (2011) a percentagem de vitimação foi estimada em 44,1%, que é expressivamente mais alta do que a do presente estudo. Relativamente ao reconhecimento geral desta forma de violência, 44% dos/as jovens respondeu que não consideram estes casos como violentos, verificando-se que há uma maior aceitação por parte dos rapazes (46%), do que das raparigas (43%).

No que concerne à situação descrita como ameaças à sua integridade física ou a ameaças de abandono, 7% dos/as inquiridos/as respondeu afirmativamente à prevalência numa atual ou anterior relação de namoro (6% das raparigas e 8% dos rapazes). Destas vítimas, 25% não reconhece a situação como violência. É também importante referir que a forma de violência associada a esta mais reportada são os insultos durante zangas (64% dos casos). De uma forma geral, 10% dos/as inquiridos/as não consegue distinguir esta situação como violência, sendo que a diferença entre rapazes e raparigas é três vezes superior (15% nos rapazes e 5% nas raparigas não reconhecem a situação).

No que diz respeito à vitimação nas situações de humilhação, 8% dos/as jovens inquiridos/as respondeu afirmativamente (9% de raparigas e 7% de rapazes). Num estudo semelhante com jovens entre os 15 e os 19 anos, verificou-se uma percentagem de vitimação na ordem dos 21,2% (Ferreira, 2011). Estas diferenças podem dever-se a que no estudo citado foram reportadas apenas as estatísticas em relação a jovens com uma história prévia de relação de namoro ou ainda devido à menor amplitude da amostragem. Em relação ao reconhecimento desta situação verificamos que 17% dos/as jovens não assume esta conjuntura como violência na intimidade (13% das raparigas e 22% dos rapazes). Das vítimas identificadas, o número de jovens que não reconhece a violência, legitimando-a, corresponde a 22%.

Finalmente, no que diz respeito à questão sobre proibições na forma de vestir, a vitimação é maior nas raparigas (5%) do que nos rapazes (3%), sendo a média no geral de 4%. Nestas vítimas verificou-se que 26% não considera que sofreu de uma forma de violência na intimidade. Já na generalidade, 51% do total dos/as inquiridos/as não vê a situação descrita como violenta (48% das raparigas e 54% dos rapazes).

Reflexões sobre os dados

Depois de analisadas as questões individualmente, devemos refletir sobre o facto de 37% das vítimas não se reconhecerem como vítima de violência no namoro. Ou seja, a legitimação da violência entre as vítimas é claramente superior à mesma legitimação da violência pela população geral inquirida. Isto pode dever-se a fatores como: pressão por parte do/a agressor/a ou tendência do/a mesmo/a a normalizar a relação violenta acabando a vítima por não reconhecer a gravidade dos comportamentos do/a seu/sua companheiro/a. Esta situação pode reduzir o número de denúncias efetuadas pelo não reconhecimento das vítimas dessa relação de violência. Existe ainda referência de alguns/mas jovens que ainda consideram que a violência pode ser uma forma de demonstração de amor, nomeadamente através de ciúmes (Glass *et al.*, 2003).

No que diz respeito à violência verbal, incluímos os insultos durante zangas e a humilhação: 16% do total dos/as inquiridos/as referiu já ter vivenciado esta situação pelo menos uma vez, sendo que 11% são raparigas e 21,5% são rapazes. Assim, concluímos que as raparigas parecem ter maior tendência para serem violentas verbalmente do que os rapazes ainda que estas reconheçam melhor estas situações como violência. Como já referido, existem poucos estudos que incluam a violência verbal de forma isolada da violência psicológica, no entanto, pudemos verificar que a vitimação encontrada no presente estudo é semelhante a outros estudos citados por Price e Byers (1999).

A violência física teve neste estudo uma prevalência de 4,5% no total dos/as inquiridos/as, sendo que 2% dizem respeito à vitimação de raparigas e 6% à vitimação de rapazes. Para esta forma de violência foram consideradas as duas questões que referem o uso da força física. A legitimação deste tipo de violência é a que tem os valores mais baixos. Ainda assim, 3,5% dos/as inquiridos/as não considera a violência física como preocupante (2% de raparigas e 6,5% de rapazes). Os valores descritos no presente artigo são significativamente mais baixos aos reportados noutros estudos - que na sua maioria são estudos universitários e envolvem populações mais velhas - (Hickman *et al.*, 2004; Price e Byers, 1999). No entanto um estudo realizado por Dixe *et al.* (2010) reporta exatamente os mesmos 2% no que diz respeito à tolerância das raparigas a esta forma de violência. Há estudos que se focaram na discriminação de sexo de forma muito mais pormenorizada relativamente à legitimação de comportamentos. Verificou-se que tanto os rapazes como as raparigas apresentam maiores níveis de tolerância face a violência física quando esta é perpetrada por homens (Moura, 2012).

Quanto à violência psicológica, onde incluímos todas as outras situações descritas, verificamos que a diferença entre vitimação de jovens do sexo feminino e masculino não é estatisticamente significativa (8,2% e 7,6%). No entanto, quando olhamos individualmente para cada questão é possível verificar que as formas de exercer o poder são diferentes nas raparigas e nos rapazes: enquanto que as raparigas são mais frequentemente proibidas de estar ou falar com outro/a(s), os rapazes são mais controlados pelas/os jovens que mexem nos seus telemóveis sem autorização. No que diz respeito à vitimação, estudos sustentam que esta varia muito pouco entre homens e mulheres (Hickman *et al.*, 2004). Quanto ao reconhecimento da violência psicológica, há uma oscilação muito grande nos resultados gerais: algumas questões têm uma legitimação de 10% enquanto outras de 51%. A média relativamente aos resultados globais é de 36,3%, que corresponde a 32,3% de legitimação de comportamentos violentos nas raparigas e 40,3% nos rapazes. A violência psicológica é a forma de violência classificada como “a” mais frequente (Dixe *et al.*, 2010; Paiva e Figueiredo, 2004; Oliveira e Sani, 2005). No entanto, neste estudo tal não se verificou uma

vez que fizemos uma distinção entre violência verbal e violência psicológica. Fazendo uma comparação entre legitimação de violência psicológica por mulheres e por homens verificou-se a existência de uma maior tolerância à violência psicológica masculina, o que significa que os/as jovens têm mais dificuldade em assumir a violência psicológica pelos rapazes comparativamente às raparigas, nas quais há há uma maior aceitação no recurso a esta forma de violência (Moura, 2012).

Para análises futuras, parece-nos imprescindível incluir a violência sexual, sendo que um estudo sobre violência sexual realizado por vários países que refere que quase metade das jovens com vida sexual ativa e um terço dos adolescentes do sexo masculino, tiveram a sua primeira experiência sexual de forma forçada (Krug *et al.*, 2002). A prevalência deste tipo de violência foi quantificada por Price e Byers (1999) entre os 16 e os 20%. Os dados nacionais da prevalência de violência sexual são também preocupantes oscilando entre os 4,8% (Ferreira, 2011) e os 25,6% (Paiva e Figueiredo, 2004). A prevenção da violência sexual em ambiente juvenil é sem dúvida um próximo passo a considerar na atuação com jovens (Caridade e Machado, 2008; Machado *et al.*, 2003).

Relativamente às diferenças de sexo podemos ainda referir que em todos os comportamentos descritos, a percentagem de legitimação da violência dos rapazes é sempre superior à das raparigas, o que vem justificar a necessidade da prevenção/intervenção centralizada nas questões da igualdade de género (Price e Byers, 1999; Hickman *et al.*, 2004; Moura, 2012; Chan e Straus, 2008).

Conclusões

Os resultados descritos podem significar que os/as jovens continuam a ter este tipo de comportamentos sem terem (ou sem quererem ter) a consciência de que são errados e puníveis quer socialmente, quer a nível legal. Deste tipo de análise resulta a necessidade eminente e urgente de uma intervenção com estes/as jovens no sentido de prevenir a violência.

Matos *et al.* (2006) referem que, ao nível da idade, os/as alunos/as mais novos/as têm uma maior tendência para legitimar a violência do que os/as jovens mais velhos. Isto poderá dever-se a um menor amadurecimento por parte dos/as jovens e também ao facto de que nas idades mais jovens as relações amorosas ainda não são tão consistentes quanto as dos/as adolescentes.

A análise comparativa deste estudo com outros previamente feitos foi dificultada pela escassez de investigações envolvendo jovens com idades semelhantes às aqui tratadas. No entanto, a necessidade de envolver jovens mais novos é fundamental já que hoje em dia as relações de intimidade iniciam-se cada vez mais cedo, sendo o primeiro episódio de violência geralmente relatado aos 15 anos (Henton *et al.*, 1983; Paiva e Figueiredo, 2004; Ferreira, 2011).

Apesar de não termos realizado o estudo da prevalência da violência sexual nos jovens dos níveis de ensino básico e secundário, parece-nos imprescindível referir um estudo realizado em vários países que refere que quase metade das jovens com vida sexual ativa e um terço dos adolescentes do sexo masculino reportam que a sua primeira experiência sexual terá sido forçada, tal como é citado no World Report on Violence and Health (Krug *et al.*, 2002). A prevalência deste tipo de violência foi citada por Price e Byers (1999) com uma variação entre os 16 e os 20%. Os dados nacionais da prevalência de violência sexual em relações de intimidade são também preocupantes oscilando entre os 4,8% (Ferreira, 2011) e os 25,6% (Paiva e Figueiredo, 2004). A prevenção da violência sexual em ambiente juvenil é sem dúvida uma política importante (Caridade e Machado, 2008; Machado *et al.*, 2003).

Uma outra forma de violência na intimidade, que não foi suficientemente explorada, é a violência no namoro através das novas tecnologias (“cyber dating violence”). Apesar de não termos conhecimento de nenhum estudo específico a nível nacional, Zweig *et al.* (2013) reportam uma prevalência de 18% nos/as jovens o que é, sem dúvida, preocupante tendo em conta a crescente utilização das novas tecnologias por parte dos jovens. Futuramente, e à semelhança do já existente em alguns estudos, será também importante considerar o contexto em que a violência ocorre (Ferreira, 2011), os valores de perpetração (Paiva e Figueiredo, 2004), o que ocorre após o reconhecimento da violência (Ferreira, 2011) e de que forma é que os jovens pedem ajuda, ou não, face à violência (Caridade e Machado, 2008).

A escola assume um papel privilegiado de socialização onde se estruturam relações interpessoais e de intimidade sendo, portanto, imprescindível na prevenção primária da violência (Guerreiro *et al.*, 2014; Murta *et al.*, 2013). Assim, é também aqui que os/as jovens devem ser educados/as para uma vida social com comportamentos adequados (Carlson, 2003; O’Keefe, 2005). Os programas nacionais e internacionais de prevenção primária da violência no namoro, em contexto escolar, têm demonstrado elevada eficácia em todos/as os/as jovens envolvidos/as (Matos *et al.*, 2006; Hickman *et al.*, 2004).

Deste modo, embora seja indiscutível a importância deste tipo de programas, e fazendo uma análise global do estudo da UMAR, verificamos que ainda existe um longo trabalho de investigação na área da prevenção primária por forma a encontrar soluções para diminuir a prevalência destas formas de violência nos/as jovens.

Referências Bibliográficas

Araújo, Helena (2013), *Violência nas relações de namoro: das motivações inerentes ao comportamento abusivo*. Porto: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa.

Barroso, Zélia (2008), “Violência nas Relações Amorosas”, Atas - VI Congresso Português de Sociologia, 2-11, Lisboa. Consultado a 01.09.14, em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/597.pdf>.

Bocinski, Sarah (16 de Fevereiro de 2012), “Economic Security Blog”. Versão eletrónica, consultada a 13.12.11, em Wider Opportunity for Women: <http://www.wowonline.org/blog/>

Caridade, Sónia; Machado, Carla (2008), "Violência Sexual no namoro: relevância da prevenção", *Psicologia*, XXII (1), 77-104.

Carlson, Christine (2003), “Invisible victims: holding the educational system liable for teen dating violence at school.”, *Harvard Women's Law Journal*, 26, 315-393.

Chan, Ko Ling e Straus, Murray (2008), “Prevalence and correlates of physical assault on dating partners”, *The Open Science Journal*, I, 5-14.

Dixe, Maria dos Anjos; Rodrigues, Ana; Freire, Cláudia; Fernandes, Mariana; Dias, Tânia (2010), “A Violência de Género na Relação de Namoro em Estudantes do Ensino Superior:

Práticas e Comportamentos da Violência”, *Análise Psicológica*, Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Saúde, Ed.

Fernandes, Ana Filipa (2013), *Programas de sensibilização de violência no namoro e impacto nos jovens. Tese de Mestrado em Psicocriminologia*. Consultado a 02.09.2014, em <http://hdl.handle.net/10400.12/2580>.

Ferreira, Maria João (2011), “A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reações dos adolescentes face à violência”. Consultado a 02.09.2014, em <http://hdl.handle.net/1822/18651>

Glass, Nancy; Fredland, Nina; Campbell, Jacquelyn; Yonas, Michael; Sharps, Phyllis; Kub, Joan (2003), “Adolescent dating violence: Prevalence, risk factors, health outcomes and implications for clinical practice”, *JOGNN Clinical Issues*, 32, 227-238.

Guerreiro, Ana; Pontedeira, Cátia; Oliveira, Emanuel e Magalhães, Maria José (2014). “Prevenção da Violência de Género na UMAR: Projeto Mudanças com Arte”, *Notícias CIG*, 90, 50-51.

Henton, June; Cate, Rodney; Koval, James e Lloys, Sally (1983), “Romance and violence in dating relationships”, *Journal of Family Issues* 4 (3), 467-482.

Hickman, Laura; Jaycox, Lisa; Aronoff, Jessica (2004), “Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness”, *Trauma, Violence and Abuse*, 2 (5), 123-142.

Krug, Etienne; Dahlberg, Linda; Mercy, James; Zwi, Anthony; Lozano, Rafael (2002), *World Report on Violence and Health*, Geneva: World Health Organization. Consultado a 1.09.2014, em http://whqlibdoc.who.int/publications/2002/9241545615_eng.pdf?ua=1.

Leitão, Maria (2013), Violência nas Relações de Intimidade. In U. d. Saúde, *Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito - Fazer diferente para fazer a diferença*, Vol. 5, 23-42. Coimbra: Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde.

Machado, Carla; Matos, Marlene; Moreira, A. I. (2003), “Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária”, *Psychologica*, 33, 69-83.

Magalhães, Maria José; Canotilho, Ana Paula; Brasil, Elisabete (2007), *Gostar de mim, gostar de ti: Aprender a Prevenir a Violência de Género*. Maia: UMAR.

Martsof, Donna; Colbert, Crystal; & Draucker, Claire (2012), “ Adolescent Dating Violence Prevention and Intervention in a Community Setting: Perspectives of Young Adults and Professionals”, *The Quality Report* , 99 (17), 1-23.

Matos, Marlene (2006), *Violência nas relações de intimidade: estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia. Consultado a 02.09.2014, em <http://hdl.handle.net/1822/5735>

Matos, Marlene; Caridade, Sónia; Machado, Carla; Silva, Maria João (2006), “Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar”, *Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (1), 55-75.

Moura, Gonçalo Alves (2012), *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais. Tese de Mestrado em Psicologia*. Porto: ISPA- Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Consultada a 01.09.2014, em <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2280/1/14879.pdf>.

Murta, Sheila; Santos, Bruna; Martins, Camila; Oliveira, Brisa (2013), “Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literature”, *Contextos Clínicos*, 6(2), 117-131.

Nascimento, Fernanda; Cordeiro, Rosineide (2011), “Violência no namoro para jovens moradores de recife”, *Psicologia & Sociedade*, 23 (3), 516-525.

Offenhaure, Priscilla e Buchalter, Alice (2011), *Teen dating violence: a literature review and annotated bibliography*, U.S. Department of Justice.

O’Keefe, Maura (2005), *Teen Dating Violence: A Review of Risk Factors and Prevention Efforts*. Harrisburg, PA: VAWnet, a project of the National Resource Center on Domestic Violence/Pennsylvania Coalition Against Domestic Violence. Consultado a 30.08.2014, em <http://www.vawnet.org>.

Oliveira, Madalena; Sani, Ana Isabel (2005), “Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas”, *Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Centro de Investigação em Educação. Consultado a 02.09.2014, em <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/viiiicongreso/pdfs/126.pdf>

Paiva, Carla; Figueiredo, Bárbara (2004), “Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses”, *Psychologica*, 75-107.

Pascoal, Nadine (2010), *O Namoro No Jovem Adulto: Compromisso e Atitudes Face à Coabitação*. Consultado a 17.09.2014, em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2926/1/ulfp037516_tm.pdf.

Pick, Susan; Leenen, Iwin; Givaudan, Martha; Prado, Andrea (2010), “«Yo quiero, yo puedo...prevenir la violencia»: Programa breve de sensibilización sobre violencia en el noviazgo”, *Salud Mental*, 2 (33), 153-160.

Price, Lisa; Byers, Sandra (1999), “The attitudes towards dating violence scales: development and initial validation”, *Journal of Family Violence*, 12 (4), 351-375.

Ribeiro, Maria da Conceição; Sani, Ana Isabel (2010), *As crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal*, Edições Universidade Fernando Pessoa.

Sá, Maria da Conceição; Ventura, Maria Clara; Veríssimo, Cristina (2013), “Intervenções de prevenção primária da violência no namoro”, *Saúde, Prevenir a violência no namoro* -

N(amor)o (im)perfeito - Fazer diferente para fazer a diferença, Vol. 5, 43-69. Coimbra: Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde.

Taylor, Bruce; Stein, Nan; Woods, Dan; Mumford, Elizabeth (2011), *Shifting boundaries: final report on an experimental evaluation of a youth dating violence program in New York City Middle Schools*. Report: New York. Consultado a 02.09.2014, em: <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/236175.pdf>.

Zweig, Janine; Dank, Meredith; Lachman, Pamela; Yahner, Jennifer (2013), *Technology, Teen Dating Violence and Abuse, and Bullying*. U.S.: Department of Justice.